

## O FLUXO DE INSÔNIA: AOS SONÂMBULOS, SONHADORES E DESPERTOS

*THE FLOW OF INSOMNIA: TO SLEEPWALKERS, DREAMERS AND THE AWAKE*

Esp. Victor Hugo Toledo Pimentel<sup>1</sup>

Prof. Dra. Denise Pimenta

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo refletir e teorizar uma nova perspectiva a respeito daquilo que se é entendido na filosofia nietzschiana como *Übermensch*, ou em sua versão traduzida para português, o além do homem, agora aqui rebatizado como o fluxo de insônia, ligando este fluxo ao pensamento de Heráclito de Éfeso. Para compreendê-lo e antes de apresentá-lo, nos aprofundaremos em seus 3 estágios: Sonambulismo, Sonhar e Despertar, que são fundamentados em conceitos que formam o super-homem em *Assim Falou Zaratustra*, são eles: eterno retorno, amor fati, vontade de potência e a transvaloração de todos os valores. Tomo também como parte deste fluxo, os conceitos apresentados em *O Nascimento da Tragédia*, as forças do dionisíaco e apolíneo, assim como conceitos apresentados em *Além do bem e do mal*, a moral dos senhores e a moral dos escravos. Me baseio também na própria trajetória de Friedrich Nietzsche, percebendo seus experimentos em meio deste fluxo e o resultado ao fim de sua vida. Trago este fluxo como um meio para a formação de novos valores, assim como para qualquer nova criação, exemplificando com a formação para futuros e novos movimentos artísticos, resultantes deste conflito e harmonia entre realidade e ilusão.

**Palavras-chave:** Além do Homem; Eterno Retorno; Transvaloração dos Valores; Vontade de Potência; Amor Fati.

### ABSTRACT

This article has the purpose of reflecting and theorizing a new perspective about what is understood in Nietzsche's philosophy as *Übermensch*, or in its Portuguese translated version, the overman, now renamed as the insomnia flow, connecting this flow to the thought of Heraclitus of Ephesus. In order to understand it, and before presenting it, we will dive into its three stages: Sleepwalking, Dreaming, and Awakening, which are based on concepts that form the superman in *Thus Spoke Zarathustra*, which are: eternal recurrence, amor fati, will to power, and the revaluation of all values. I also take as part of this flow, the concepts presented in *The Birth of Tragedy*, the Dionysian and Apollonian forces, as well as concepts presented in *Beyond Good and Evil*, the morality of the masters and the morality of the slaves. I also base myself on Friedrich Nietzsche's own trajectory, noticing his experiments in the midst of this flow and the result at the end of his life. I bring this flow as a means for the formation of new values, as well as for any new creation, exemplifying with the development of future and new artistic movements, resulting from this conflict and harmony between reality and illusion.

**Keywords:** Overman; Eternal Recurrence; Amor Fati; Will to Power; Revaluation of All Values.

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Design pela Universidade de Guarulhos (2020). Tem experiência na área de Desenho Industrial.

## 1. INTRODUÇÃO

“Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo que deve ser superado. Que fizeste vós para superá-lo?” Assim, Nietzsche como Zaratustra começa a nos introduzir alguns dos principais conceitos que serão carregados e abordados em toda sua obra no livro *Assim falou Zaratustra*.

Na obra, acompanhamos este personagem inspirado em um poeta persa do século VII a.c, de nome Zoroastro, que, ao passar um longo tempo em sua caverna, na companhia de sua cobra, águia e dialogando com o sol, percebe que chegou a hora de descer à sociedade e presentear-los com sua sabedoria e suas descobertas. Muitas subidas e descidas ocorrem no decorrer do livro, que são de extrema importância para a compreensão dos conceitos apresentados por meio dos diálogos demasiadamente poéticos, metafóricos e caricatos. Para compreendermos os conceitos que serão apresentados no decorrer deste artigo, é de suma importância a observação de alguns destes fundamentos e como eles foram postos na obra. Façamos então uma viagem no tempo e voltemos para o jovem Nietzsche, ainda como filólogo, na sua fase onde muitos pensadores entendem como o seu período Wagneriano em seu primeiro livro, *O Nascimento da Tragédia*, publicado em 1872.

Importante mencionar, antes de nos aprofundarmos nos conceitos, que muitos pensadores interpretam Nietzsche por 3 diferentes fases de seu pensamento, mas a meu ver, e um dos pontos centrais desta teoria, estas fases são uma metamorfose de um mesmo pensamento, uma multiplicidade que circula e sempre retorna para um mesmo ponto, como forma de diferentes pontos de vista por meio da negação de si mesmo, dando origem a novos valores, interpretações e significados, a partir de um mesmo pensamento sobre diferentes questionamentos. Ou seja, não desconsidero a existência destas três fases, mas considero que elas se dividem para conseguir perceber um mesmo ponto de diferentes óticas, se colidindo e se tornando um uno, com diferentes questionamentos e diferentes respostas para uma mesma pergunta.

Esta fluidez de divisão e conflito, venho a chamar de fluxo, devido a sua natureza de constante movimento, fundamentado no pensamento de Heráclito de Éfeso, pensador pré-platônico com o qual Nietzsche compartilha grande parte de seu pensamento. Heráclito, em

um de seus fragmentos, afirma que “Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos.” (HERÁCLITO, 1998, p.92). Com isso, e levando em consideração o pensamento deste fluxo aplicado às três fases de Nietzsche como um uno, quando ele “adentra” uma pergunta, tem como consequência uma resposta, e esta resposta, de certa maneira, já terá mudado sua perspectiva a respeito de determinado pensamento, assim já não é mais o mesmo, e quando questiona sua própria resposta, está adentrando novamente um mesmo rio, mas por suas águas já não serem mais as mesmas, pois fluíram, sua perspectiva mudou, devido às respostas que conseguiu anteriormente, e agora tem novos questionamentos para as próprias respostas.

Ainda falando sobre o fluxo, mas voltando ao *Nascimento da Tragédia*, a ligação que Nietzsche virá a construir por meio deste fluxo no decorrer de sua obra vem a se mostrar logo no primeiro parágrafo, do primeiro aforismo, página de seu primeiro livro, com a seguinte frase referente às forças representadas por Apolo e Dionísio, as quais falaremos mais adiante:

“...ambos os impusos, tão diversos, caminham lado a lado, na maioria das vezes em discórdia aberta e incitando-se mutuamente a produções sempre novas, para perpetuar nelas a luta daquela contraposição sobre a qual a palavra comum “arte” lançava apenas aparentemente a ponte; até que, por fim, através de um miraculoso ato metafísico da “vontade” helênica, apareceram emparelhados tanto a obra de arte dionisíaca quanto a apolínea geraram a tragédia tática” (NIETZSCHE, 2007, p.28)

Devemos tomar cuidado com cada palavra utilizada pelo autor. Nietzsche era um extremo estrategista com as palavras, nada é ao acaso, tudo tem um porquê, assim como tudo tem um “por quê?”. Analisemos a citação, o novo surge a partir da dubiedade da harmonia e do conflito de questionamentos através de diferentes perspectivas sobre uma mesma pergunta. Então ele estabelece que fará isso, desta vez pela ótica da “arte”. Nos atentemos às aspas utilizadas, considerando que este é seu primeiro livro, elas estabelecem que ele voltará a essas questões com diferentes perspectivas, ao mesmo tempo que provoca o leitor a analisar sua obra a partir de sua própria perspectiva. Do contrário, ele teria utilizado apenas a palavra arte sem as aspas. Então, ele mostra que este conflito é a ponte para a sua forma de pensamento. “Por fim” o desejo de respostas para esses

questionamentos aqui é chamado de “vontade” helênica, e esta vontade levará ao fluxo aqui chamado de tragédia táctica. Os conceitos de “ser ponte e não fim” e vontade de potência seriam estabelecidos em *Assim falou Zaratustra*, ambos serão abordados mais adiante.

Todo este conflito sob esta ótica é representado aqui nas forças apolíneas e dionisíacas. Baseado na antiga religião grega e utilizando estas duas figuras, Nietzsche nos explica quem seriam Apolo e Dionísio em seu pensamento.

“De que o contínuo desenvolvimento da arte está ligado a duplicidade do apolíneo e do dionisiaco, da mesma maneira como a procriação depende da dualidade dos sexos, em que a luta é incessante e onde intervêm periódicas reconciliações.” (NIETZSCHE, 2007, p.24)

Apolo, deus sol, da beleza e do onírico, uma forma de máscara para a realidade a qual vivemos. Suponhamos que vivêssemos em um mundo sem leis, religião, vontades ou valores, sem morais. E é aí que está a atuação de Apolo, ele se trata desses filtros morais que tornam nossa convivência em sociedade possível, ele embeleza a nossa realidade nos possibilitando suportá-la, ele traz um sentido ilusório para a vida e a partir dela.

Já Dionísio é o deus sátiro, da embriaguez, do teatro e da música, da natureza e, portanto, da realidade. Se não tivéssemos as ilusões de Apolo, viveríamos em um mundo primitivo, caótico, instintivo, onde a única ordem que teríamos seria a nossa própria natureza, vivendo como verdadeiros animais livres na selva. E este seria Dionísio, a realidade pura.

Portanto, o conflito que Nietzsche menciona entre essas duas forças se trata do equilíbrio entre ilusão e realidade, onde elas se colidem e ao mesmo tempo vivem em harmonia, uma dependendo da outra para a geração de novos valores.

Em sua segunda obra, *Humano Demasiado Humano*, vemos a concretização de que Nietzsche seguirá este fluxo, buscando sempre novos questionamentos de diferentes óticas. Nela, ele se aprofunda em seus questionamentos a partir da ótica da ciência. Muitos consideram que este é o rompimento de Nietzsche com o romantismo Wagneriano, porém, creio que este choque e esta mudança radical seja parte do fluxo, onde ele concretiza sua linha de pensamento estabelecida no *Nascimento da Tragédia*, e busca conflitar os mesmos pensamentos por esta ótica completamente oposta a anterior, o colocando em uma segunda

fase intencionalmente.

Voltemos para *Assim Falou Zaratustra* e tracemos um paralelo na descrição de dionisíaco e apolíneo. Zaratustra permanece por um longo período em sua caverna dialogando com o Sol, ou seja, Apolo, “Ó grande astro! Que seria de tua fortuna se não tivesses aqueles que iluminas!” a partir deste diálogo ele percebe as máscaras do mundo, e questiona o que seria deste mundo se não fosse iluminado por essas ilusões.

A partir desse questionar, ele decide que é hora de descer de sua caverna, “Para tanto, devo descer às profundezas: assim como fazes ao anoitecer, quando vais para trás do mar e ainda trazes luz ao submundo, ó astro superabundante!”, com o trazer a luz ao submundo ele se refere a descer para a realidade, dessa vez em forma de sociedade, ou seja, o descer para o mundo e mostrar ele como ele é, ou para Dionísio.

Porém, antes de sua descida, Zaratustra faz um último pedido ao Sol. “Abençoa-me, pois olho sereno, capaz de observar sem inveja também uma fortuna desmedida!”, com esta fala, fica claro que ele está prestes a entrar neste fluxo e conflitar a realidade com a ilusão, ele pede para a luz do sol, ou seja, para as ilusões, o guiarem através da realidade.

Um ponto que acredito reforçar a ligação destas forças já pré-estabelecidas a esta obra, é a forma como são construídos os diálogos poéticos entre personagens, como se estivéssemos lendo uma peça de teatro no decorrer da obra. Interpreto isso como se as próprias pessoas com quem Zaratustra conversa fossem caricaturas da realidade, representações do próprio conflito entre as forças dionisíacas e apolíneas, já que para Nietzsche, as artes e especialmente o teatro grego são como uma forma de representação da realidade, e pelo fato de Zaratustra estar prestes a ensinar o caminho da construção de novos valores para a sociedade.

“A arte e a vida se relacionam por ser a primeira uma manifestação da segunda. Dessa forma, os artistas não se entregavam ao pessimismo, mas remodelavam o mundo e a vida através da Arte: a principal forma de representação e interpretação da realidade, que se transforma em um fenômeno estético, devido, sobretudo, a união entre a mentalidade apolínea e dionisíaca.” (PAES, 2013, p.147)

Assim, ele fecha este diálogo com o Sol, citando indiretamente, mas ainda não apresentando, aquilo que posteriormente, na mesma obra, viria a ser um dos conceitos chave de todo seu projeto - e também desta teoria - o eterno retorno. “Vê só! Este cálice quer esvaziar-se. E Zaratustra quer mais uma vez tornar-se homem.” Com sua afirmação de desejo em esvaziar o cálice, ele se refere a perceber que os valores que ele encontrou em seu tempo na montanha não possuem realmente valor, e ele fará isso enxergando através da realidade, ou à sociedade a qual ele irá apresentar e ensinar. Então, com esses valores agora esvaziados, ele retorna ao homem, questionando desta vez sob uma nova perspectiva, seus próprios valores encontrados, trazendo a necessidade de retornar à montanha, para poder refleti-los novamente.

Sua reflexão através da realidade ocorrerá por meio do diálogo com aqueles que ele encontrará neste caminho, e assim ele irá executar uma peça fundamental para o eterno retorno, a transvaloração de todos os valores. Em outras palavras, ele irá perceber os valores da realidade sem que perca os valores da vida, ou sem que seja tomado pela força dionisíaca, utilizando a realidade como uma força afirmadora e suspeitando das morais presentes nesta sociedade.

“No itinerário nietzschiano, a transvaloração significa, dessa forma, olhar diferentemente os valores, relacionar se diferentemente com os valores de forma que a vida não seja depreciada, de forma que a vida seja afirmada incondicionalmente, mesmo nas situações mais adversas ou mais cruéis. E, para isso fazer, é necessário superar as velhas morais: aquela judaico-cristão socrática, mas também a consciência científica moderna, com a sua vontade de verdade.” (ARAÚJO, 2013, p.64)

Até aqui, conseguimos perceber a possibilidade de existência deste fluxo observando os próprios passos que Nietzsche deu em sua escrita, com a divisão entrefases e pensando em alguns de seus conceitos chave que viriam a dar origem ao que ele chama de super-homem - e que eu chamo de insônia. Entremos, a partir disso, aos estados do próprio fluxo no lugar das fases de Nietzsche, para que possamos compreender tanto o restante de seus conceitos, assim como seu funcionamento. Os Sonâmbulos

*Quem seriam esses Sonâmbulos, senão aqueles que caminham em um sonho sem nem ao menos saber? Eles são cegos quanto a realidade, guiados pelo sonhar alheio.*

***Podados de sua vontade, os Sonâmbulos permanecem caminhando sem nem ao menos saber o significado de caminhar.***

Os Sonâmbulos são aqueles que vivem unicamente através das ilusões, e quando me refiro a ilusões, quero me referir a aquilo que nós temos como valores morais e que entendemos como a verdade, ou seja, certo e errado, bem e mal, bom e ruim. O ato de caminhar pelo sonhar, sem nem ao menos saber que caminha, se refere a sua natureza de andar sem questionar esses valores, vivendo a partir deles, acreditando neles como reais, sem nunca ter considerado a possibilidade de questioná-los.

Para compreendermos melhor esses que aqui chamo de Sonâmbulos, precisamos reconhecê-los na forma de moral dos escravos, conceito apresentado por Nietzsche em seu livro *Além do Bem e do Mal*, de 1886:

“A moral escrava é, essencialmente, moral utilitária. Aqui é o foco onde se origina aquela celebração oposta entre “bom” e “mau” – na maldade sente-se o poder e a periculosidade, uma certa terribilidade, sutileza e fortaleza que não permitem que o desprezo se manifeste. Assim, segundo a moral de escravos, o “mau inspira e quer inspirar medo, segundo a moral de senhores, é precisamente o “bom” que inspira e quer inspirar medo, enquanto o homem “ruim” é sentido como desprezível. A oposição atinge seu ápice quando, segundo a lógica da moral dos escravos, liga-se finalmente ao “bom” dessa moral um sopro de menosprezo – que pode ser ligeiro e benevolente -, pois o bom, no modo de pensar escravo, precisa ser de todo modo o homem inofensivo.” (NIETZSCHE, 2020, p.214)

Essa dubiedade moral se origina a partir do domínio de uma outra, a moral dos senhores sobre a moral dos escravos. Enquanto os senhores são aqueles que determinam os valores para a si de forma que se beneficiem a partir de sua avaliação, o bem e o mal, o certo e o errado, e julgam o próximo com eles, os escravos são aqueles que, incapazes de avaliá-los, os seguem como verdades, beneficiando aqueles que os avalia. Essa incapacidade de julgamento por parte dos escravos se dá na forma como as duas morais entendem os valores, enquanto os senhores os dividem em bom e ruim, os escravos os dividem em bem e mau. Como na citação de Nietzsche, enquanto para os senhores o bom inspira e quer inspirar medo pois se trata do poder, para os escravos o mau inspira e quer inspirar medo pois se trata do poderoso.

E é graças a essa incapacidade de julgamento com essa inversão no significado

valores, que os senhores os dominam. Os escravos ao não conseguirem interpretar a natureza dos valores os entendendo como verdades, os reconhecem como "leis" que não devem ser questionadas, pois ao avaliá-las estariam fazendo algo mau, sendo castrados da sua vontade de verdade.

“o bom, no modo de pensar escravo, precisa ser de todo modo o homem inofensivo: ele é bonachão, fácil de enganar, talvez um pouco bobo, um bonhomme. Por toda parte em que a moral dos escravos chegou a preponderância, a língua mostra uma tendência a aproximar as palavras ‘bom’ e ‘bobo’. – Uma última distinção fundamental: o anelo por liberdade, o instinto para a felicidade e as sutilezas do sentimento de liberdade pertencem tão necessariamente à moral e à moralidade de escravos quanto a exaltação e a arte do respeito, da dedicação são um sintoma regular de um modo aristocrático de pensar e valorar.” (NIETZSCHE, 2020, p.214)

A vontade de potência é um conceito que foi introduzido primeiramente por Nietzsche em *Assim Falou Zaratustra*, sendo retratado de diferentes maneiras ao decorrer de sua obra. Como mencionado, acredito que o termo já foi citado de maneira indireta em seu primeiro livro, *O Nascimento da Tragédia*, mas não foi aprofundado ou elaborado, por isso, pode passar despercebido caso não seja feita uma leitura considerando sua existência.

Importante ressaltar que, por mais que o termo e o tema sejam recorrentes na obra do autor, sua interpretação e seu significado nunca foram ditos ou tratados de maneira muito explícita, tornando sua interpretação aberta ao olhar crítico de cada leitor. Acredito que essa falta de clareza seja um cuidado da filosofia de Nietzsche em incentivar o leitor a interpretá-lo e pensar os seus conceitos a partir de uma própria perspectiva. Considero este movimento de Nietzsche em suas obras, pois fica clara a sua intenção de ser uma ponte para a sua forma de pensamento e para aqueles que querem trilhar um mesmo caminho. Ele não quer criar novos "Nietzsches", mas sim, tornar cada um livre para criar e trilhar seus próprios caminhos, e ele ensina isso fazendo com que o leitor julgue, avalie e critique sua própria obra. Talvez este seja um dos motivos pelos quais seu pensamento seja tão debatido na atualidade, e como diferentes movimentos e ideologias o aderem ou surgem a partir dele, pois seu pensamento não é feito para ser seguido, mas sim, para ensinar a construir novos pensamentos, se tornando assim atemporal.

“Vontade assim se chama o libertador e a fonte de alegrias: assim vos

ensinei, meus amigos! E agora aprendei também isto: a própria vontade é prisioneira.’ ‘Querer liberta: mas como se chama aquilo que põe em cadeias também o libertador?’ ‘Foi: assim chama-se o ranger de dentes e a mais solitária aflição da vontade. Impotente contra aquilo que está feito – ela é uma espectadora zangada de tudo que é passado.’ ‘A vontade não pode querer para trás; que ela não seja capaz de romper o tempo e a avidez do tempo – eis a mais solitária aflição da vontade.’ ‘Querer liberta: o que inventa a própria vontade para si, de modo a livrar-se de sua tribulação e troçar de cárcere?’ ‘Ah, todo cativo torna-se néscio! Nesciamente liberta-se também a vontade cativa.’” (NIETZSCHE, 2019, p.137)

Entendendo que a avaliação seria uma das forças da vontade de potência, interpreto que ela se trata de um conflito de duas vontades, uma resultante da outra, que como as forças dionisíacas e apolíneas, se conflitam para gerar uma multiplicidade de resultados. Essas duas forças são aqui chamadas de vontade de verdade e vontade de poder.

A vontade de verdade trata-se da necessidade de avaliar, percebendo a natureza dos valores, passa-se a duvidar deles, os questionando, e negando para que se liberte dos já estabelecidos, e abra espaço ao buscar a criar seus próprios, deixando de ser dominado.

“para nossas verdades – os ouvidos hoje não são receptivos. Já sabemos o bastante o quanto soa ofensivo quando alguém de fato conta o homem cruamente e sem alegoria entre os animais; mas nos será atribuído quase como uma culpa que justamente em relação aos ‘homens das ideias modernas’ empreguemos constantemente as expressões ‘rebanho’, ‘instintos de rebanho’ e que tais. De que adianta! Não podemos agir de outro modo: pois justamente nisso reside nossa nova compreensão.” (NIETZSCHE, 2020, p126-p127)

Como resultado dessa vontade de verdade, surge como fruto a vontade de poder, que é a necessidade de empregar novos valores na realidade que tomem o lugar dos já estabelecidos, ou determinar seus próprios valores, se tornando em dominador.

A moral escrava também se faz presente em *Assim Falou Zaratustra*, e dessa vez como um dos espíritos da metamorfose da liberdade em forma de Camelo, percebemos o peso de seu fardo.

“Há muito peso para o espírito, para o espírito forte, de carga, no qual habita a reverência: sua força exige o pesado, o mais pesado. ‘O que é pesado?’ Assim pergunta o espírito de carga, assim se ajoelha, como o camelo, e quer ser carregado abundantemente. ‘O que é o mais pesado, ó heróis?’ Assim pergunta o espírito de carga. ‘Que eu o tome sobre mim e

me alegre com minha força.’ ” (NIETZSCHE, 2019, p.35)

O camelo é resistente, forte, atravessa os desertos em seu trabalho árduo, porém, é submisso, carrega a carga de seus donos e se orgulha disso. Ele é a representação do espírito da servidão, não questionando sua carga, ou seja, não questionando os valores que carrega, apenas os aceitando, estando a tanto tempo orgulhoso da força que tem por suportá-los, e por ser bom diante daqueles valores que o impuseram, nunca parando para questioná-los.

Os Sonâmbulos, perante o fluxo, seriam o camelo, a moral dos escravos, utilitária e servil, bloqueados de perceber a realidade pois vivem no sonho dos Sonhadores, vivem a partir dos valores determinados pelos senhores e permanecem abaixando para que sejam abastecidos com mais carga. Esses “sonhos” foram as únicas coisas que foram apresentadas a eles, portanto, nem ao mesmo imaginaram o que seria a realidade sem eles.

Precisamos considerar que os Sonâmbulos nunca de fato adentram nas águas do fluxo, mas a observam e a bebem, se alimentando dos valores gerados de suas águas, entretanto, quando percebe que pode nadar e mergulhar, ele se torna parte delas, ou seja, quando percebida a essência dos valores estabelecidos, automaticamente se inicia um exercício crítico a eles. No momento em que os Sonâmbulos (ou escravos), notam os sonhos (ou valores), e entram nas águas, ou ao exercício de avaliar e questionar, o Sonâmbulo se torna Sonhador, o escravo se torna senhor, ou o camelo se transfigura em leão, portanto, agora o constantemente avaliado se torna o avaliador, que começará a alimentar os Sonâmbulos ao seu redor.

Porém, assim como todos os estados deste fluxo, consideremos que o Sonâmbulo também pode ser um fim. Ao deixar o fluxo, pela necessidade de adequação aos valores estabelecidos, os colocando acima de seus próprios para sua convivência em sociedade, ele poderá retornar a se alimentar dos outros rios, agora não sendo mais parte deles, voltando a viver a partir dos valores determinados por outros Sonhadores, funcionando como um “medicamento” contra o fluxo que, quando tomado, força a aquele que está dentro dele a deixá-lo por essas necessidades que impactam em sua qualidade de vida, inibindo o processo da transvaloração.

Contudo, sabendo que este pode ser um dos fins, devemos compreender que ainda

assim existe a possibilidade de retorno ao fluxo, mas não mais às mesmas águas, pois elas fluíram. Ao retornar ao estado de Sonâmbulo e buscar o retorno para o fluxo, o Sonâmbulo já não mais retornará com a mesma perspectiva que tinha antes, pois agora sua perspectiva dos valores mudou, graças à soma das experiências e influências que teve no período que esteve fora.

Não devemos entender o retorno como algo negativo, mas sim, como uma parte essencial para o funcionamento do fluxo. Como a doutrina do eterno retorno, sempre retornaremos e fluiremos entre os estados, e o fluxo por si só é um caminho e não um fim, sendo seu fim sempre um recomeço.

*Se tudo que sabes é caminhar, então agora caminhe para o ciclo da metamorfose, camelo, deixe que as águas o cubram até a cabeça, mas tome fôlego para que não se afogue, levante-se camelo, pois agora fora batizado pelas águas do caos.*

## 2. OS SONHADORES

*Tudo que lhe restará será a fome, agora camelo, tu és leão, seja sol de teu próprio sonhar, ilumine e inveje as estrelas ao teu redor. Mas cuidado leão, não deixe que tua luz seja refletida sob este rio, pois assim todos seus sonhos se tornaram tão eternos quanto tua existência. E eis assim que desse batismo, o sonâmbulo se torna sonhador.*

Ao entrar no rio, o camelo se torna leão, como na metáfora em *Assim Falou Zaratustra*:

“Porém no mais ermo dos desertos ocorre a segunda transformação: o espírito torna-se leão, ele quer tomar a liberdade como presa e ser senhor em seu próprio deserto. Aqui busca ele pelo seu último senhor: quer tornar-se seu inimigo e de seu último deus, com o grande dragão quer digladiar pela vitória. Que grande dragão é esse, que o espírito não mais pode chamar senhor e deus? ‘Tu deves’, chama-se o grande dragão. Mas o espírito do leão diz ‘eu quero’. ‘Tu deves’ atravessa-lhe o caminho, de brilho dourado, uma criatura escamosa, e sobre cada escama cintila em dourado: ‘tu deves’. Valores milenares cintilam nessas escamas, e assim fala o mais poderoso de todos os dragões: ‘Todo valor das coisas – cintila em mim’. ‘Todo valor já foi criado, e o valor criado para tudo – este sou eu. Deveras, não deve haver mais nenhum ‘eu quero’ ! ‘Assim fala o dragão. Meus irmãos, para que é preciso o leão no espírito? Para que

não é suficiente o animal de carga, que renuncia e é reverente? Criar novos valores – isso tampouco pode o leão ainda: mas criar para si a liberdade para novas criações – isso pede a força do leão. Criar para si a liberdade e um “não” sagrado também perante a obrigação.” (NIETZSCHE, 2019, p.35 - 36)

Os Sonhadores (ou o leão), são a força avaliadora em sua essência, diferente dos Sonâmbulos (ou camelo), ele sabe da existência e da essência dos valores e que foram construídos, e não teme enfrentá-los, e o fato de saber a natureza destes valores e a possibilidade de poder avaliá-los, torna o leão senhor de si mesmo.

No texto de Nietzsche, a figura do dragão, inimigo e adversário do leão, se trata da representação dos próprios valores morais já estabelecidos e milenares, eles são um “deus e um senhor”, e com isso, percebo que ele se refere literalmente a religião e ao sistema, ou, os meios pelos quais são transmitidos esses valores. Assim, todos os valores cintilam neste dragão, pois foram construídos sobre ele. Tudo isso se prova a partir do nome do dragão “tu deves”, uma regra, uma lei, uma obrigação, uma moral. Mas o leão luta, pois quer ser rei de seu deserto, ou seja, ele avalia os valores, lutando contra o dragão e, ao saber de sua real natureza, se vê livre de tais valores, e isso se confirma na fala de que o leão ainda não é capaz de criar novos valores, mas que ele tem força para criar a liberdade para novas criações. Agora livre, ele viverá pela busca de construir seus próprios.

Retornamos então à segunda força da vontade de potência, a vontade de poder. O exercício de combater os antigos valores através da avaliação, será movido pela busca da construção de novos valores próprios para a realidade, e é exatamente isso que torna a vontade de poder, fruto da vontade de verdade, pois ela só existe e nasce, quando se há a consciência da natureza dos valores, e a partir dos resultados da própria avaliação, se cria a necessidade da busca de empregar o próprio sentido para eles, ou o "ter poder sobre os próprios valores".

Isso faz com que o camelo se transforme em leão, exatamente no momento em que se entra no fluxo, pois, ao adentrá-lo, conquista a vontade de verdade e como consequência a vontade de poder. Com esse entendimento, fica clara a explicação da busca do camelo e do leão, em que o camelo não busca, mas encontra e é movido puramente ao encontro da vontade de verdade, enquanto o leão, ao encontrar a vontade de verdade, passa a buscar e

ser movido pela vontade de poder. Assim, movido pela vontade de poder e liberto pelo a vontade de verdade, o leão é senhor de si mesmo, como a moral dos senhores:

“Nesta primeira espécie de moral, a oposição ‘bom’ e ‘ruim’ significa o mesmo que ‘nobre’ e ‘desprezível’: - a oposição ‘bom’ e ‘mau’ tem outra origem. Desprezado é o covarde, o medroso, o mesquinho, aquele que pensa na utilidade estreita, igualmente o desconfiado, com seu olhar cativo, aquele que se rebaixa, a espécie canina de homem que se deixa maltratar, o bajulador mendicante, sobretudo o mentiroso – é uma crença fundamental de todos os aristocratas que o povo comum é mentiroso. ‘Nós, verazes’- assim chamavam a si mesmos os nobres da antiga Grécia. É evidente que as designações morais de valor foram atribuídas por toda parte em primeiro lugar a homens, e só derivada e tardiamente a ações: razão pela qual é um erro grave quando historiadores da moral partem de perguntas como ‘por que foi louvada a ação compassiva?’ A espécie nobre de homem sente a si mesma como determinadora de valores, ela não precisa de aprovações, ela julga que ‘aquilo que me é danoso, é danoso em si’, ela se sabe como aquela que confere honra às coisas, ela é criadora de valores.” (NIETZSCHE, 2020, p.212)

Os senhores se categorizam como senhores, não pelo domínio daqueles à sua volta, ou pelo seu poder em si, mas pela liberdade e por este domínio de seus próprios valores. Eles como avaliadores e não avaliados, se tornam nobres pela desconfiança, e é essa desconfiança que Nietzsche passa quando afirma que os aristocratas consideravam o povo comum como mentirosos. Eles acreditavam nos valores, portanto, tudo aquilo que pregam e acreditam nasce destes mesmos, e é isso que ostorna “desprezíveis”, pois ao seguir sem questionar tais valores, se tornam servos deles.

O que faz a espécie nobre se sentir como a criadora de valores, se trata exatamente da vontade de poder, ela ainda não cria mas determina, escolhendo os valores válidos para si, tanto com seus resultados que só serão alcançados em seu próximo estado, quanto a partir daqueles já estabelecidos ela se reconhece, podemos interpretar isso a partir da frase “ela se sabe com o que confere as honras as coisas, ela é criadora de valores.”, ela julga o próximo a partir deles.

É esse julgamento a partir dos valores encontrados que possibilitariam como uma consequência de sua desconfiança, ter domínio sobre os escravos, pois, ao determinar estes, os escravos incapazes de avaliá-los, os aceitam como verdades.

Para ocorrer esta formação das novas criações que menciono, é preciso alcançar a desconfiança total, desconfiança esta que ele ainda não é capaz, ou seja, negar até a si mesmo, reconhecendo a verdadeira natureza dos valores ao ponto de perceber que ela contamina até mesmo os seus. Os senhores, assim como o leão, são um “nãO” para as obrigações a sua volta e um “eu quero” para si, e para superar este leão e criar o novo, é preciso perceber como um “mentiroso” e não como o “dono da verdade”.

Retornemos então à frase da abertura, compreendendo agora quem são os Sonhadores.

Quando mencionado que “tudo que lhe restará será a fome”, trago uma referência à vontade de poder. O leão agora como Sonhador, a persegue, ou seja, avalia com sua desconfiança dionisiaca, e com sua libertação dos valores busca construir seus próprios, ele tem a fome por valores, a fome por poder. A libertação que trago quando é dito que o leão é sol em teu próprio sonhar, é uma referência direta ao apolíneo, sendo ela a responsável por todas as ilusões, o leão, ou o Sonhador, é o responsável pela busca da criação de suas próprias ilusões, ele é o Apolo de si mesmo. A frase “ele ilumina as estrelas ao seu redor”, refere-se aos camelos, escravos ou Sonâmbulos, ele brilhará, ou irá determinar seus valores para estes que orbitam ao seu redor.

Os Sonhadores, portanto, são o leão e os senhores, são a classe dominante da sociedade, aqueles que "sonham" os valores pelos quais os Sonâmbulos caminham.

Diferente de todos os outros estados, ele é o único que possui 3 formas diferentes, sendo elas como um Sonhador Primário, Sonhador Equilibrista e Sonhador Determinador.

O Sonhador Primário se trata do momento em que o Sonâmbulo se transforma em leão, onde ele ainda não teve o prazer de criar valores, pois não conseguiu alcançar seu próximo estado, mas com sua avaliação os persegue, movido pela sua vontade de poder.

Como um Determinador, ou um fim, temos para os Sonhadores o "adormecer", retornando à frase de introdução “cuidado leão, não deixe que tua luz seja refletida sob este rio, pois assim todos os seus sonhos se tornaram tão eternos quanto tua existência”, nisso me refiro ao se prender em seus próprios valores. De tanto questionar e avaliar, em

determinado ponto, os Sonhadores encontram valores o suficiente para não “precisarem” mais questionar o seu redor, e é isso que quero dizer com “não deixe que sua luz seja refletida sob o rio”, em uma referência ao mito de Narciso, que ao ver sua imagem refletida em um rio, se apaixona por si mesmo, o Sonhador se apaixona pelos seus próprios valores, eles já se percebem como autossuficientes, se consideram muito poderosos, e isso que faz com que abandonem o exercício de avaliação; para eles não valeria a pena tal desperdício de tempo, já se consideram titãs, são grandes e verazes, portanto passam a viver unicamente dos valores que encontraram enquanto permaneceram no fluxo como verdades absolutas superiores a todas as outras, eles adormecem em seu próprio sonhar.

Por fim, um Sonhador Equilibrista, ou um recomeço, é aquele que já alcançou o próximo estado e vive para alcançá-lo novamente, portanto, se mantém vivendo em busca da insônia para criar ainda mais valores. Diferente dos Primários, os Equilibristas também avaliam o próximo a partir dos valores encontrados no fluxo como os Determinadores, porém, diferente dos Determinadores, vivem também para buscar avaliar seus próprios valores.

*Teu brilho não mais é suficiente para iluminar todo os céus Leão, a escuridão é suprema e infinita, e você nada mais é do que uma pequena vela contra todo o universo, do que vale teu brilho se não para ser lanterna neste caminho?*

### 3. A INSÔNIA

*Então, explore leão, e explore como uma criança, seja temporário. “Viva!” para sua inocência, onde não existem as verdades e se brinca com todas as mentiras de sua imaginação, para amadurecer e então enfim desejar o rejuvenescer.*

Eis então que chegamos naquele que vem a dar nome para este fluxo, sendo ele um estado e, ao mesmo tempo, todo o processo, o caminho, o meio, a insônia, aquilo que Nietzsche chama de *Übermensch*. Antes de introduzi-lo, precisamos entender o que significa o estado da metamorfose para criança, que desencadeará em uma série de outros conceitos apresentados em *Assim Falou Zaratustra*:

“Mas digei, meus irmãos, de que é capaz a criança, que também o leão não pudera fazer? Porque precisa o leão predador ainda fazer-se criança? Inocência é a criança, e esquecimento, um recomeço, um jogo, uma roda que gira a partir de si mesma, um primeiro movimento, um sagrado “dizer sim”. Sim, para o jogo da criação, meus irmãos, é necessário um sagrado “dizer sim: a sua vontade quer agora o espírito, o seu mundo ganha agora aquele que fora perdido para o mundo.” (NIETZSCHE, 2019, p.36)

O leão se transforma quando, a partir de sua liberdade, o excesso do questionar leva-o a se dar conta que seus próprios valores possuem o mesmo valor dos valores já estabelecidos, ou seja, o leão aprende a avaliar até a si mesmo.

Diferente do leão, a criança é inocente, e isso que dá a ela a capacidade de se libertar de seus próprios valores, já que para ela, eles não possuem valor algum, o que importa para a criança é a brincadeira, o jogo, ou o processo de caminhar entre tais valores e não de determiná-los. Com isso, retornamos ao conceito de eterno retorno:

“‘Olha este portal! Anão!’, seguí falando: ‘Ele tem duas faces. Dois caminhos unem-se aqui. Ninguém jamais os percorreu até o final. ‘Esta longa estrada para trás: ela dura uma eternidade/ E aquela longa estrada para além – é outra eternidade. ‘Eles se contradizem, estes caminhos; chocam-se diretamente, cabeça contra cabeça: e é aqui, neste portal, que se encontram. O nome do portal está escrito acima: ‘Instante’. ‘Mas se alguém seguisse por um deles – cada vez mais longe, cada vez mais além: crês, anão, que estes caminhos se contradizem eternamente?’ ‘Tudo que é retornado’, murmurou desdenhoso o anão. ‘Toda verdade é torta, o próprio tempo é um círculo. ‘Espírito do peso!’, disse eu, irado. ‘Não tornes demasiado simples! Senão te deixo acorçado aí, onde estás, coxo – e fui eu quem te carreguei para cima! ‘Olha’, seguí falando, ‘olha este instante! Deste portal Instante parte uma estrada longa e eterna para trás: há atrás de nós uma eternidade. ‘Não é preciso que tudo que pode caminhar já tenha trilhado alguma vez esta estrada? Não é preciso que, de todas as coisas, aquilo que pode ocorrer já tenha alguma vez ocorrido, agido, passado? ‘E se tudo já existiu: que pensas tu, anão, deste instante? Não é preciso que também este portal – já tenha existido? ‘E não estão todas as coisas atadas com tal firmeza que este instante puxa atrás de si todas as coisas vindouras? Logo – também a si mesmo? ‘Pois tudo aquilo que pode caminhar: também por esta longa estrada para além – precisa mais uma vez ainda caminhar!’” (NIETZSCHE, 2019, p.154)

O eterno retorno se trata de um conceito onde se percebe um caminho infinito que se retroalimenta, uma força afirmadora para a vida, uma forma de combate a aquilo que conhecemos com niilismo, ele é um caminho que pode ser percorrido inúmeras vezes assim como já fora, e é isso que Nietzsche quer dizer com “Esta longa estrada para trás: ela dura

uma eternidade/ E aquela longa estrada para além”, esta estrada representa a realidade, ela é imutável, tudo que nasce vem a partir dela, e ela sempre estará a frente de tudo, nossa existência e nossa percepção são finitas, um grão de areia, então todas as ilusões que decidimos acreditar no percurso da nossa vida não serão maiores do que a realidade. Tendo consciência da realidade e de sua ausência de valores, aquele que vive o eterno retorno, vive pelo momento, este que Nietzsche chama de Instante, e nos atentemos a este nome pois assim como na infância, o instante é passageiro, ele é um portal para um recomeço. Ao não colocar as ilusões a frente da realidade, mas entendendo a necessidade de conviver com elas, passa a viver por aquilo que se acredita naquele instante, mas tendo consciência que aquilo que se acredita não possui valor, o que resta é aproveitar o momento em que se vive este valor, ou viver intensamente o presente, até o momento que haja a necessidade de negá-lo para buscar viver um novo instante. Façamos uma analogia às forças apolíneas e dionisíacas para compreendermos este pensamento.

Suponhamos que o instante seja uma benção de Apolo, a ilusão, os valores, e ele o abençoe em determinado momento, mas lhe avisa que esta benção é temporária, e o alerta que a qualquer momento Dionísio aparecerá para lhe tomar este instante. Então chega o dia e Dionísio, a realidade, a força avaliadora, aparece, mas ao invés de lhe tomar a força aquele instante, ele apenas o mostra que aquela benção que Apolo o deu se trata de uma mentira, para que você continue todas as noites orando por mais, isso o faz confiar em Dionísio, mas esta realidade o destrói. Porém, ainda resta a embriaguez de Dionísio, pois naquele momento, mesmo que curto, você consegue perceber como se sentiu satisfeito com a falsa bênção que Apolo o deu, assim como feliz por Dionísio o ter mostrado sua natureza. Portanto, agora você busca viver o mesmo processo, dada sua satisfação do momento e a libertação pela realidade, passando não mais a apenas orar para Apolo por mais uma benção, como também passa a orar por mais conselhos de Dionísio, você terá os dois ao seu lado e, enquanto um ilude, o outro questiona, e com as respostas tidas do questionar, se criam novas ilusões que voltaram a ser questionadas, se tratando de um processo infinito, um jogo entre esses dois deuses, para que você continue cultuando ambos.

Todo esse conceito de eterno retorno é vinculado diretamente com o *amor fati*, o qual podemos chamar de “amar o destino”. O reconhecimento como um amar o recomeço, ao se tomar

consciência da falta de valores vinculados à existência. Sendo a própria realidade a ausência de valores, portanto, o único valor real, resta-se o amar o instante, o viver o caminho sem necessitar de um sentido, mas ser liberto a viver pela falta dele. Seria, portanto, o *amor fati* o que sustentaria o desejo pelo recomeço, o motor responsável pela rotação deste círculo eterno, de desejo por novos instantes, a força afirmadora que instiga o continuar, que aceita a realidade e compreende a necessidade da ilusão, o “Sim!” para a vida livre de máscaras, e conseguimos perceber isso quando Zaratustra dialoga com o Sol, na seção *Antes do nascer do sol*:

“Esta, porém, é minha benção: encontrar-me sobre cada coisa como o seu próprio céu, como seu telhado abobado, seu sino cerúleo e sua eterna segurança: e venturoso é quem assim abençoa! Pois todas as coisas são batizadas na fonte da eternidade e para além de bem e mal; bem e mal eles mesmos, porém, são apenas sombras intermediárias e úmidas tribulações e nuvens passageiras. Deveras, é uma benção e não uma blasfêmia se ensino: ‘Sobre todas as coisas encontra-se o céu acaso, o céu inocência, o céu casualidade, o céu petulância.’ ” (NIETZSCHE, 2019, p.161)

Agora, compreendendo o eterno retorno e seu vínculo com conceito de *amor fati*, vemos que a doutrina do eterno retorno pode ser tratada como o processo de percorrer um mesmo caminho, ou avaliar os valores, se alimentando desse instante, do equilíbrio entre a realidade e a ilusão, resultando em novos valores, para continuar se reiniciando a partir de seus resultados, ou o desejar recomeçar, para viver novos instantes; o *amor fati*, ou seja, os valores resultantes desse processo também passarão a ser avaliados pelo mesmo caminho, mas por uma nova perspectiva dado aos aprendizados tidos no caminho percorrido anteriormente, e buscando agora negar seus próprios resultados. A negação dos resultados vem a partir da vontade de potência.

Recapitulemos às transformações. O camelo é diferente do leão pois ainda necessita despertar a vontade de verdade para se libertar, e se torna em leão quando a adquire, se tornando livre pela avaliação dos valores. O leão, agora com sua vontade de verdade, “dá a luz” em conjunto a vontade de poder, ou o desejo recebido da avaliação, à necessidade da criação de seus próprios valores. Quando o leão percebe que até mesmo seus valores não possuem valor algum, pois a realidade está além de todos os valores, passa também a avaliar a si mesmo, e agora, liberto de todos os valores os reconhecendo como ilusões,

passa a viver pelo instante. Instante esse que parte do conflito entre a realidade e a ilusão, ou o jogo de Apolo e Dionísio, a doutrina do eterno retorno, que é movida por aquilo que pode ser chamado de vontade de potência, ou o conflito entre a vontade de verdade e a vontade de poder, e esse é o momento que o leão se transforma em criança. Entenderemos então, o conflito que gera a vontade de potência.

A vontade de verdade avalia os valores, enquanto a vontade de poder busca gerar novos, o que resulta muitas vezes em novos valores, porém, ao se perceber que seus próprios valores não possuem valor, a vontade de verdade também passará a avaliá-los. Ou seja, uma vontade retroalimenta a outra em um ciclo infinito vinculado ao eterno retorno, e se potencializa cada vez mais em forma de novos diferentes valores para serem avaliados, e este processo de potencialização que dá o nome a esta vontade. Assim, uma multiplicidade nasce deste conflito, se tratando de uma multiplicidade de valores. A negação se trata da base deste processo, pois assim como a figura da serpente mordendo a própria cauda, o ouroboros, que se trata de um processo dolorido de alimentar de si mesmo, a vontade de potência se trata do processo de se negar constantemente em busca de se revitalizar, a partir de um novo processo de criação, se alimentando dos valores gerados no decorrer do processo, por isso a contradição é uma peça fundamental para este jogo.

O que possibilita todo este processo de negação é exatamente a transvaloração de todos os valores, como mencionado na introdução, que compreenderemos a partir dos conceitos introduzidos até aqui. O eterno retorno se trata do fluxo, percorrer o caminho equilibrado entre a realidade e a ilusão para a criação de novos valores que serão alcançados no instante, e então serão negados a partir do conflito da vontade de potência, que ocorre graças ao desejo por alcançar um novo instante, revivendo o caminho liberto pela ausência de valores, ou o *amor fati*, que será possibilitado ao perceber a natureza dos valores, ou a transvaloração.

A transvaloração de todos os valores é a responsável pelo surgimento da vontade de verdade.

“Os homens modernos, com seu embotamento para toda a nomenclatura cristã, não compreendem mais o que de horrendo-superlativo se encontrava para um gosto antigo no paradoxo da fórmula ‘Deus na cruz’. Nunca houve até agora e em parte alguma semelhante ousadia na inversão,

algo igualmente terrível, questionador e questionável quanto essa fórmula: ela prometia uma transvaloração de todos os valores antigos. – É o oriente, o Oriente profundo, é o escravo oriental que assim se vingava de Roma e de sua nobre frívola tolerância do ‘catolicismo’ romano da fé: - e não foi a fé, mas liberdade da fé, aquela despreocupação meio estoica e risonha com seriedade da fé, o que sempre revoltou os escravos em seus senhores, contraseus senhores.” (NIETZSCHE, 2020, p.73-74)

Na citação, Nietzsche menciona a libertação da fé, uma geradora de valores em forma de leis a serem seguidas baseadas na crença de pós-vida, valores construídos para impor o domínio daqueles à frente desta instituição. Nietzsche menciona o catolicismo apenas como exemplo, acredito que tenha o utilizado por se tratar de uma das principais religiões, se não a principal determinadora de valores para a sociedade ocidental de seu período e até mesmo do atual, mas creio que o mesmo pensamento alcança todas as outras religiões e crenças que colocam o pós-vida acima da vida terrena. Este mesmo pensamento aparece em *Assim Falou Zaratustra*, que antecede a chegada do além do homem, a morte de deus:

“Suplico-vos, meus irmãos, permaneço fiéis a terra e não creiais naqueles que vos falam de esperanças supraterras! São envenenadores, quer saibam disso ou não. São desprezadores da vida, moribundos e eles próprios envenenados, dos quais a terra está cansada: que partam! Outrora o sacrilégio de Deus foi o maior de todos, mas Deus morreu e com isso também esses sacrilégios. O sacrilégio contra a terra é agora o mais terrível, e apreciar mais as entranhas do inescrutável do que o sentido da terra! Outrora a alma olhava com desprezo para o corpo: e então era esse desprezo o mais elevado: - queira-o magro, horrível, esfaimado. Ela pensava com isso escapar dele e da terra. Ó essa alma era ela mesma também ainda magra, horrível e esfaimada: e crueldade era a volúpia dessa alma! Mas também vós, meus irmãos, falai-me: o que anuncia vosso corpo a respeito de vossa alma? Não é vossa alma pobreza e sujeira e um deplorável bem-estar? O homem é deveras uma correnteza imunda. É preciso ser um mar para poder acolher uma correnteza imunda sem se tornar impuro.” (NIETZSCHE, 2019, p.24)

O artifício utilizado para a percepção dos valores da realidade se trata dessa morte metafórica de deus - e nos atentemos ao ser morte, e não inexistência -, com isso, diversas possibilidades se abrem, pois, caso o termo utilizado fosse a não existência de deus, Nietzsche estaria negando a existência e a importância dos valores, e até mesmo afirmando que não precisaríamos deles, sem a existência de deus, não teríamos de questionar sua existência, mas ele vai além. A morte de deus se trataria do primeiro exercício de avaliar

para seu leitor, pois se deus morreu, e com ele o bem e o mal, o céu e o inferno, tudo é possível, portanto, a morte de deus representa a morte de todos os valores que já conhecemos, onde ele não nega sua existência, mas instiga a reflexão das possibilidades a serem alcançadas e o que seríamos de nós a partir do momento de sua morte, o viver sem um manual de instruções, e com esta reflexão, busca despertar a vontade de verdade.

Então, para se libertar a compreender a natureza dos valores, primeiro precisa-se matar deus, ou todos os panteões, sendo esses os primeiros a nascer, este “dragão milenar” deve ser o primeiro a morrer, para que a vida seja a própria força afirmadora da vida.

Chega o instante do nascimento da nova “religião”, a verdadeira libertação, o devorador de deuses, o limitado e temporário, como um raio de luz, o além do homem.

“Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo que deve ser superado. Que fizeste vós para superá-lo? Todos os entes até agora criaram algo para além de si: e vós quereis ser a vazante dessa grande enchente, preferis retornar ao animal do que superar o homem? Que é o símio para o homem? Uma zombaria ou uma vergonha dolorosa. E isso, justamente, deve o homem ser para o super-homem: uma zombaria ou uma vergonha dolorosa. Trilhastes o caminho do verme ao homem, e há ainda muito de verme em vós. Outrora fostes símios, e também agora o homem é ainda mais símio do que qualquer símio. E o mais sábio dentre vós é apenas uma discrepância e um híbrido de planta e fantasma. Mas acaso vos convida a vos tornardes fantasmas ou plantas? Vede, eu vos ensino o super-homem! O super-homem é o sentido da terra. Que vossa vontade diga: seja o super-homem o sentido da terra!” (NIETZSCHE, 2019, p.23-24)

O termo “além do homem” é utilizado aqui de maneira diferente do texto, pois se trata de uma tradução mais adequada ao conceito originalmente chamado em alemão de *Übermensch*, que não se trata de uma habilidade ou evolução, mas sim, do superar da percepção de existência do homem, o ir além, o alcançar os limites. Ele pode ser interpretado como aquele que consegue viver a partir de todos os conceitos apresentados: eterno retorno, *amor fati*, vontade de potência e a transvaloração de todos os valores, mas aqui, ele se trata do ponto onde todos eles se chocam, ou seja, aquilo que estamos chamando de instante.

O além do homem como instante, se trata de um ápice, um momento passageiro a ser desejado, uma infância que voou pelos nossos olhos e está prestesa amadurecer, o conflito

entre as forças apolíneas e a dionisíacas, verdades e poder, nem início nem fim, o portal, um meio, a hora em que deus é assassinado e seu poder tomado, o parto, a morte e a ressurreição. Está em ser instante que Zaratustra diz ao anunciar sua chegada “Vede, eu vos ensino o super-homem: é ele esse raio, é ele essa loucura!” (NIETZSCHE, 2019, p.25), como um raio ele é rápido, um brilho que, em um milésimo de segundo, se apagará. Assim, durante todo o processo do eterno retorno, existe um ponto onde um valor é criado da avaliação para então ser negado no mesmo momento pela negação, e é neste segundo entre a avaliação, a criação e a negação que o homem vai além, momento que chamo de estado de insônia e que quando alcançado “morre” para retornar o homem, e retornando ao homem, com este valor gerado neste instante, buscará novamente ir atrás do além com seu novo valor a ser avaliado.

Chamo de insônia justamente por se tratar do momento de equilíbrio entre realidade e ilusão, estar cansado ao ponto de quase adormecer para os valores, mas impossibilitado pela condição de permanecer desperto por perceber a realidade. Considero que este movimento de equilíbrio se torna estado apenas quando se nivela, e isso que permite o instante que possibilita a criação. Para compreendermos essa afirmação, precisamos compreender a insônia não apenas como estado, mas como o próprio fluxo em si, “O homem é uma corda, estendida entre o animal e o super-homem: uma corda sobre um abismo. Um perigo atravessar, um perigo estar a caminho, um perigo olhar para trás, um perigo arrepiar-se e estacar...” (NIETZSCHE, 2019, p.25).

Como fluxo, a insônia busca a todo o momento encontrar este equilíbrio entre a realidade e ilusão em medidas iguais por meio da avaliação, porém, se balanceia hora mais para a ilusão (os valores) e hora mais para a realidade (a natureza), ou o movimento da corda sob os pés, como um equilibrista. Para se manter equilibrado, precisa se manter constantemente caminhando (avaliar), buscando o momento onde a vibração para (o conflito), e este momento é onde ocorre o equilíbrio perfeito (o instante), e alcança-se o estado de insônia, mas logo na sequência precisa-se dar o próximo passo (recomeçar), ou voltar a caminhar, pois quando se pára o movimento, se desequilibra, ocorrendo a queda.

Este perigo da queda que Nietzsche se refere ao olhar para trás ou arrepiar-se, se trata de parar de caminhar (avaliar), e portanto, não mais como avaliador, passar a aceitar os

valores impostos, retornando ao estado de Sonâmbulo, ou caindo por aceitar seus valores encontrados como verdades, retornando ao estado de Sonhador Determinador.

Importante ressaltar que aquele que se mantém sob este fluxo é o próprio Sonhador Equilibrista, afinal, ele é a força avaliadora, e o estado de insônia é passageiro, então ele é aquele que vive para alcançar o estado de insônia a partir de sua avaliação, para então quando passado retornar a sua forma como um recomeço, ou o voltar ao homem.

Existem momentos na sociedade, onde este fluxo e o estado de insônia se tornam mais presentes e perceptíveis, que ocorrem quando vivenciamos catástrofes ou guerras, quando as linhas morais são mais abaladas, tornando suas máscaras mais transparentes, passando a ser mais questionadas. Esses questionamentos levam a inovações em diversos formatos, produtos dos valores encontrados no percorrer deste fluxo que aqui é tratado de forma extrema. Por isso associamos estes períodos a grandes evoluções tecnológicas. A referência a serem tratados de forma extrema, diz respeito ao método desses questionamentos, experimentos inimagináveis que quebram por completo a ética, envolvendo testes que atentam contra a vida. Não nego que dependendo da forma como se interpreta o fluxo, tais métodos podem ser tidos como parte dele, dado ao contexto, pois ele caminha pelos valores morais buscando negá-los ou superá-los, e eles variam com base nos valores válidos para cada período, sendo que durante períodos mais caóticos os limites são quebrados. Sendo moral, percebo tais métodos como tão catastróficos e repugnantes quanto estes momentos, e proponho o fluxo quando percebido como a possibilidade de alcançar avanços e inovações sem depender deles.

Assim como existem momentos onde o fluxo pode ser mais perceptível, também existem segmentos onde ele se torna mais presente, não que isso o limite a tais segmentos, afinal, ele deve ser interpretado por diferentes perspectivas, mas em alguns, seu além pode ser mais facilmente manifestado, pois estes campos se tratam daqueles que por sua própria natureza retratam o questionar dos valores. Como principal exemplo, temos as artes.

Partindo do pressuposto que os movimentos artísticos nascem do mundo das ideias e do pensamento, eles podem ter origem a partir da negação e da avaliação dos valores já impostos à sociedade, podendo ser uma negação aos movimentos artísticos já estabelecidos, ou seja, entendendo que, para Nietzsche, a existência do mundo é um fenômeno estético,

sendo a arte, a partir das forças apolíneas e dionisíacas, segundo Paes (2013) “uma imitação da realidade, por demonstrar a realidade através de uma representação, uma aparência”, esses movimentos podem nascer como fruto dos valores obtidos no caminhar no fluxo, se tratando de uma representação física e auditiva deles.

“A arte e a vida se relacionam por ser a primeira uma manifestação da segunda. Dessa forma, os artistas não se entregavam ao pessimismo, mas remodelavam o mundo e a vida através da Arte: a principal forma de representação e interpretação da realidade, que se transforma em um fenômeno estético, devido, sobretudo, a união entre a mentalidade apolínea e dionisíaca.” (PAES, 2013, p.147)

Nas artes se encontram o ápice da interpretação das forças dionisíacas e apolíneas, ou o conflito mencionado anteriormente entre a realidade e a ilusão, e a partir desta citação podemos perceber sua ligação com o fluxo, o reflexo a força questionadora e afirmadora à vida, o além do homem ou a insônia, esta forma de não se entregar ao pessimismo ao perceber a realidade, mas remodelar o mundo com seu questionar, ou a criação de novos valores. Notemos então os estados, mas agora como aqueles que estão neste meio.

Os Sonâmbulos são aqueles que reproduzem os movimentos que estão estabelecidos, eles são desprovidos do questionar, foram cegados pelo brilho das ilusões do apolíneo e temem a realidade. “A luz, quando em excesso, faz apenas cegar os olhos, enganar-nos. A experiência iluminada e aparentemente prudente e ordenada que se apresenta como verdadeira é nada, senão uma falsa realidade que ilude, a partir da racionalidade.” Afirma Paes (2013) e prossegue, “Isso se refere no homem moderno, que não aceita sofrer, não vive suas angústias e apenas se afasta da realidade que o machuca utilizando fugas, mecanismos de defesa e medicamentos.”, portanto, seguem a tendência daquilo que lhes é imposto aceitando- as como o belo, sendo elas estes medicamentos e mecanismos de defesa, os valores já estabelecidos aos quais obedecem.

Essas tendências são criadas pelos Sonhadores enquanto Equilibristas e estabelecidas quando Determinadores. Como equilibrista, o estado de Sonhador, ao alcançar o buscar do estado de insônia, trata sua arte como um reflexo do seu questionar, ou uma tentativa de transmitir suas próprias reflexões para a sociedade refleti-las, sendo assim um valor criado de seu fluxo que busca despertar o mesmo fluxo naquele que observa, gerando uma

multiplicidade de novos avaliadores e valores a partir de diferentes perspectivas sobre seu questionamento, e é disso que se trata o remodelar o mundo. Com esses resultados obtidos das diferentes perspectivas somados a sua própria, enquanto permanece dentro do fluxo, ele retorna a avaliar seu próprio pensamento buscando contradizer ou negar, o que daria abertura para permanecer no caminhar, portanto seguindo gerando o novo.

“Na obra O nascimento da tragédia, Nietzsche representa essa união, pois, assim como a realidade, a tragédia é criada a partir da relação entre os contrários. A relação entre Apolo e Dioniso resulta na criação, pois a luta entre contrários cria uma nova síntese, uma nova percepção.” (PAES, 2013, p.149)

Quando me refiro aos equilibristas como criadores dos movimentos e os separo daqueles que os estabelecem, quero dizer que, para que o estilo desenvolvido por este equilibrista se estabeleça como um novo movimento, precisa-se evoluir e tomar certa proporção para se categorizar desta maneira. Eles avaliam constantemente suas próprias criações, e graças a isso não se apegam a um único estilo, tendo uma constante transformação, eles são experimentadores e só será possível para eles que estes experimentos se tornem em movimentos, quando se tornam Determinadores.

O Sonhador, quando Determinador, é aquele que ao ter alcançado o estado de insônia e resultado em uma nova criação, se estabelece nela, criando aquilo que os artistas reconhecem como estilo que virá a dar forma a um movimento.

Quando a arte se expressa apenas no sentido apolíneo, torna-se um instrumento dialético e moralizante, perdendo seu sentido enquanto manifestação própria da loucura da vida. A arte apolínea valoriza a forma e a busca da racionalidade métrica e objetiva, o que se adequa às máximas socráticas de que apenas o saber é virtuoso, e que a vida, para ser bela, precisa ser inteligível (PAES apud GONTIJO, 2012, p.151).

Ele não consegue gerar mais novas criações, pois se encontrou em sua própria e agora vive a partir dela, a evoluindo até que se torne em “tendência”, sendo esta tendência todo um novo movimento que vem a alimentar o mercado para outros avaliadores questionarem e Sonâmbulos seguirem.

Para compreender todo o funcionamento do fluxo e seus estados nos movimentos

artísticos, proponho uma releitura deste mesmo texto, levando em consideração os Sonâmbulos e Sonhadores como apresentados aqui, e entendendo os valores resultantes do fluxo como novos estilos ou manifestações artísticas. Mas antes disso, passaremos pelo último estado desta transformação, e único que só pode ser originado dela, porém, consideremos que este se trata de mera teoria baseada nos últimos anos de Nietzsche, assim como considerando os possíveis problemas que todo o fluxo pode gerar.

*Mas cuidado criança, não deixe que sua vela se apague com o sopro de sua inocência, ou perderá o caminho para casa. Sua cera é limitada, mas a noite é eterna.*

#### 4. OS DESPERTOS

*Tudo que a lua toca se torna reflexo da noite. Nem mesmo um sol é suficiente para eliminar as sombras. Então criança, como chegaste até aqui? Desejas o suficiente para ser sombra? Desejas carregar esta maldição? Saiba que ela é maior que todo o fardo de todos os camelos, que o poder do mais poderoso de todos os leões. Fácil desejá-la, mas difícil suportá-la.*

Todo o pensamento por trás do fluxo da insônia surge deste equilíbrio entre a realidade e a ilusão, quanto mais ao fim dele estamos, mais nos aproximamos da realidade, e quanto mais próximos da realidade, mais nos aproximamos da loucura. Os Sonâmbulos são a base, eles vivem unicamente através dos valores das ilusões, que são determinadas pelos Sonhadores, que são capazes de perceber a realidade, mas buscando criar valores tendem mais para ilusão, que quando alcançam a Insônia conseguem o equilíbrio proporcional entre as duas forças, porém, que quando força o deixar de ser instante para buscar se tornar em um estado duradouro se torna desperto, que são aqueles que caem totalmente para a realidade.

"A compreensão nietzschiana da moral como a "teoria das relações de dominação sob as quais se origina o fenômeno 'vida'" (JGB/BM § 19) implica na admissão da ambigüidade do termo: a moral pode engendrar um povo e indivíduos superiores ou pode levar à decadência, dependendo de qual fonte os valores são criados, da vida afirmativa ou da vida doente"(ARALDI, 1998, p.78)

A queda para a realidade se trata da queda para o niilismo. De tanto avaliar e questionar, aquele que vive o fluxo, ou força o instante, passa a perder o desejo pela criação por perceber que os valores nunca alcançaram a realidade, portanto perdem o interesse em questionar e colocam a negação de todos os valores acima da própria vida, como afirma Araldi "A longa história da moralização surge de uma vontade que se volta contra a vida e contra si mesma, tendo como consequência a doença, a perda de sentido, o niilismo".

Creio que a queda para o niilismo possa trazer também a queda para a loucura, o momento onde todas as forças do fluxo conquistadas se voltam contra aquele que participa dele, resultando na perda total de sentido à vida graças à constante mudança de identidade gerada pela negação de si mesmo, a perda da razão, como afirma Klossowski no texto de Rosa Maria Dias, *A euforia de Nietzsche de Turim*.

"Com isso ela teria perdido a riqueza do eterno retorno, por não entender a máxima que regula o "pensamento dos pensamentos" de Nietzsche — "querer ser outro diferente do que se é para se tornar aquele que se é"<sup>15</sup>. Assim, para Klossowski, o que amedrontava Nietzsche não era a idéia de reviver para todo o sempre os mesmos sofrimentos, mas a perda da razão sob o signo do Círculo Vicioso"(DIAS, 2004, p.43)

Essa máxima pode ter sido alcançada pelo próprio Nietzsche no fim de sua vida, que ao viver baseado neste fluxo como experimento, para que pudesse construir desenvolver seu pensamento, sucumbe para um colapso mental. Este período de sua vida é marcado pelas Cartas da Loucura, cartas essas que ele trocava com outros pensadores e amigos de seu período.

"As cartas da loucura de Nietzsche, muitas vezes desprezadas pelos autores que o estudam, são por Klossowski revalorizadas, porque, através delas, pode de fato estabelecer o elo entre a filosofia de Nietzsche e sua loucura. A solidão extrema do filósofo, a incomunicabilidade de sua doutrina conduzem-no à loucura, que, para Klossowski, nada mais é do que transfiguração da loucura de Hölderlin, ela própria uma versão moderna da descida de Empédocles no Etna."(DIAS, 2004, p.43)

Em suas cartas, ele passa a assinar como Dionísio, assumindo tal identidade, creio que essa assinatura se trata de Nietzsche reconhecendo sua queda à realidade. Em uma delas, podemos perceber o peso dessa crise de identidade se voltando contra ele, o peso da cruz de ser a força afirmadora e negadora. A busca pelo nada se torna em ser nada pelo excesso, a

liberdade dos valores se tornando liberdade de si.

"À princesa Ariana, minha amada. Que eu seja um homem é uma desvantagem. Mas eu já vivi entre os homens e conheço tudo aquilo que os homens podem provar, das coisas mais baixas às mais altas. Fui Buda entre os indianos, Dioniso na Grécia — Alexandre e César são minhas encarnações, da mesma forma Lorde Bacon, o poeta de Shakespeare. Por último, fui ainda Voltaire e Napoleão, talvez Richard Wagner... Mas desta vez venho como o vitorioso Dioniso, que fará da terra um dia de festa... Não terei muito tempo... Os céus se alegram que eu esteja aqui... Fui também colocado na cruz."(NIETZSCHE , carta de Turim de 3 de janeiro de 1889)

*Portanto, retorne antes que seja tarde, desperto, não se permita permanecer acordado para a realidade, volte para o mais seco dos despertos, carregue todos os pesos necessários, brilhe com o dia, brinque como uma criança, mas não se apague com a noite.*

"Klossowski apresenta assim a loucura de Nietzsche como um elemento de sua filosofia; como consequência da dissolução do eu e a identificação com os ciclos do retorno, com a memória da história. Faz ver que Nietzsche tinha duas saídas: ou bem enlouquecia, ou bem criava algo equivalente à loucura, e esta é a tragédia nietzschiana. Ele preferiu tornar-se louco a encontrar um equivalente para a loucura. É esta a tragédia nietzschiana. O delírio como perda de identidade, a loucura como esmaecimento da razão não marcam o desmascaramento de Nietzsche, mas sua realização suprema."(DIAS, 2004, p.43-44)

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joelson Silva. Niilismo ativo: uma perspectiva afirmativa. Trilhas Filosóficas: **Revista Acadêmica de Filosofia**, Rio Grande do Norte, ano 2013, v. 1, ed. VI, p.61-69, 2013. Disponível em: <https://1library.org/document/yde116gq-niilismo-ativo-uma-perspectiva-afirmativa-palavras-chave-niilismo-transvaloracao-vontade-de-potencia.html>. Acesso em: 2 abr.2022.

ARALDI, Clademir Luís. Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche. **Cadernos Nietzsche**. São Paulo, ano 1998, ed. 5, p. 75-94, 1998. Disponível em: [http://gen-grupodeestudosnietzsche.net/wp-content/uploads/2018/05/cn\\_05\\_05-Araldi.pdf](http://gen-grupodeestudosnietzsche.net/wp-content/uploads/2018/05/cn_05_05-Araldi.pdf).



**REVISTA BELAS ARTES**

Volume 40

Setembro - Dezembro / 2022

ISSN: 2176-6479

Acesso em: 27 abr. 2022.

DIAS, Rosa Maria. A euforia de Nietzsche em Turim. **O que nos faz pensar**. Rio de Janeiro, ed. 18, p. 38-44, 2004. Disponível em: [http://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/import/pdf\\_articles/OQNFP\\_18\\_04\\_rosa\\_maria\\_dias.pdf](http://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/import/pdf_articles/OQNFP_18_04_rosa_maria_dias.pdf). Acesso em: 26 abr. 2022.

HERÁCLITO. “Fragmentos”. In: **Os Filósofos Pré-Socráticos**. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal**. Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre, RS: LM&PM, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra**. Tradução: Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre, RS: LM&PM, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo**. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo, SP: Companhia das Letras de Bolso, 2007.

PAES, Carolina Casarin. O apolíneo e o dionisíaco no pensamento de Nietzsche. In: **DIÁLOGOS LITERÁRIOS**, 2., 2013, Campo Mourão: UNESPAR/FECILCAM. Anais [...]. Campo Mourão, PR: [s. n.], 2013. p. 145-152. Disponível em: <https://dialogosliterarios.files.wordpress.com/2013/12/anais2c2baencontrodedialogosliterarios.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2021.